

GLOBALIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO: NOVAS FORMAS DE FRAGMENTAÇÃO*

LEITE, Marcos Esdras**

Resumo: Neste trabalho, pretende-se discutir os interesses capitalistas que estão por trás da globalização e da urbanização. Fazendo uma análise sistemática dos dois processos, estabelecemos alguns motivos pelos quais os ricos (países e pessoas), de certa forma, incentivam uma integração econômica global e uma maior concentração de pessoas nas cidades.

Palavras-chave: Capitalismo; globalização; urbanização; fragmentação.

Introdução

Atualmente, alguns termos vêm sendo empregados com frequência, de forma diferente do seu conceito científico, isso tem trazido alguns problemas conceituais, pois são divulgados e propagados sem uma sustentação teórica, criando assim conceitos errôneos.

Os termos urbanização e globalização, que ganharam a “simpatia” da mídia na atualidade, são hoje utilizados sem nenhuma preocupação com o real significado que possuem, menos ainda com as ambigüidades que escamoteiam. O que, de fato, esses termos representam? O que há de controverso no emprego desses termos?

O objetivo desse trabalho é fazer uma discussão, de cunho geral, sobre os processos de globalização e urbanização enquanto instrumentos de fragmentação espacial, haja vista que o nível de relações entre os países do mundo está aumentando cada vez mais, chegando a ponto de usarmos a expressão “aldeia global” para nos referirmos ao nosso planeta.

* Artigo produzido sob a orientação da Prof^a Marina de Fátima Brandão Carneiro.

** Mestrando em Geografia – UFU. marcosesdras@ig.com.br

Concomitante, a essa globalização tem-se verificado um aumento crescente no processo de urbanização em todos os continentes e, junto com esses dois processos, tem-se evidenciado um crescimento na quantidade de pobres no mundo, provocando uma emigração dos países menos desenvolvidos em direção aos países ricos, trazendo para ambos uma série de problemas sociais.

Estabelecer uma relação direta entre todos esses processos é essencial para sistematizar o conhecimento acerca dos problemas sociais, econômicos, ambientais e culturais que assolam o mundo atual.

Relação entre globalização e urbanização na fragmentação do espaço

Antes de estabelecer uma relação entre globalização e urbanização, consideramos necessário tecer algumas considerações teóricas sobre esses processos. A globalização não é um fenômeno novo. Pode-se mesmo afirmar que ela é uma conseqüência dos avanços tecnológicos, desde as descobertas ligadas à navegação, que possibilitou a ocupação de “novas terras”, até a implantação das infovias, responsáveis pela verdadeira conexão global, onde as informações e as mercadorias circulam mais rápidas.

Não há, entre os pesquisadores dessa temática, um consenso acerca do conceito de globalização. Inicialmente associada aos movimentos financeiros internacionais, ao avanço tecnológico, que permitiu maior rapidez nos fluxos seja de idéias, capitais ou pessoas, a globalização também foi definida como um sistema cultural que homogeneiza. Nessa discussão, considerando as divergências teóricas nela presente, há um ponto que deve ser ressaltado: o entendimento da globalização como a atual fase de expansão capitalista. Na definição de Ianni (1996) a globalização é

novo surto de universalização do capitalismo como modo de produção e de processo civilizatório. O desenvolvimento do modo capitalista de produção, em forma extensiva e intensiva, adquire novo impulso com base em novas tecnologias, criação de novos produtos, recriação da divisão internacional do trabalho e a divisão transnacional do trabalho e mundialização dos mercados. As forças produtivas básicas, compreendendo o capital, a tecnologia, a força de trabalho e a divisão transnacional do trabalho, ultrapassam fronteiras geográficas, históricas e culturais, multiplicando-se assim as suas formas de articulação e contradição. Esse é um processo simultaneamente civilizatório, já que desafia, rompe, subordina, mutila, destrói ou recria outras formas sociais de vida e trabalho, compreendendo modos de ser, pensar, agir, sentir e imaginar. (IANNI, 1996: 48)

Já o conceito de urbanização aqui utilizado se refere ao processo pelo qual a população urbana cresce num ritmo mais acelerado que a população rural, gerando ao

longo do tempo mudanças sócio-econômicas, ambientais e culturais. A urbanização tem na migração campo/cidade um dos seus principais condicionantes, mas não o único.

Esse processo aconteceu primeiro nos países ricos, depois da revolução industrial (século XVIII), quando ocorreram várias transformações nos setores produtivos. A atração que a indústria, territorialmente localizada na cidade, passou a exercer sobre a população camponesa, aliada a mudanças no regime de propriedades rurais que expulsava os trabalhadores do campo, implicaram num aumento da população urbana.

Nos países pobres, a urbanização só aconteceu depois da Segunda Guerra Mundial, tendo como causa além da industrialização tardia, as péssimas condições de vida no campo. A industrialização foi expandida nessa época pela transferência de indústrias dos países ricos, que buscavam novos mercados consumidores para seus produtos, além de uma série de benefícios fiscais oferecidos pelos países pobres para as empresas multinacionais. É válido ressaltar que a urbanização não é consequência apenas da industrialização, mas sim de todo um processo de modernização econômica tanto urbana quanto rural, sendo acelerada por problemas de natureza física ou social no campo.

Como a urbanização se deu de forma rápida e intensa nesses países as cidades não tiveram como implementar uma estrutura adequada para absorver todos os migrantes, o que ocasionou uma série de problemas urbanos, conforme citado por Castells (1983), ao descrever a urbanização na América Latina

a urbanização latino-americana caracteriza-se então pelos traços seguintes: população urbana sem medida comum com o nível produtivo do sistema; ausência de relação direta entre emprego industrial e crescimento urbano; grande desequilíbrio na rede urbana em benefício de um aglomerado preponderante; aceleração crescente do processo de urbanização; falta de empregos e de serviços para as novas massas urbanas e, conseqüentemente, reforço da segregação ecológica das classes sociais e polarização do sistema de estratificação no que diz respeito ao consumo. (CASTELLS, 1983: 99)

É importante ressaltar que tanto a globalização como a urbanização têm suas origens ligadas aos avanços tecnológicos, ao processo de modernização. A partir do aumento do emprego da tecnologia no campo houve também uma intensificação do fluxo migratório campo/cidade. O desenvolvimento tecnológico também provocou uma maior integração do “sistema mundo”. Mas, até que ponto esses processos são também instrumentos de dominação das classes hegemônicas? Como relacioná-los à idéia de fragmentação?

Para explicitar essa aparente contradição entre globalização e fragmentação é necessário discutir, ainda que de forma sucinta, o significado desse processo.

Haesbaert (1998) analisa a modernização como instrumento de fragmentação. Para ele,

em sua versão otimista, a hipótese da fragmentação veria um mundo de múltiplas culturas e territórios convivendo pacificamente e desenvolvendo modos de vida comunitários integrados. A fragmentação vista negativamente, por outro lado, traria o caos planetário, “uma nova Idade Média” de conflitos generalizados, espécie de Somália mundial. Já na hipótese da sociedade-mundo, numa versão pessimista, o “Grande Irmão”, como propôs Orwell em seu livro “1984”, um estado ou grupo social dominaria a todos através de um sofisticado aparato tecnológico de caráter global. (HAESBAET, 1998: 48)

Nos debates sobre a globalização, não temos encontrado análises que consideram os fragmentos dela decorrentes. Ao contrário, ressaltam-se as suas vantagens aparentes. Santos (2000), ao discutir esse processo, identifica o seu lado “perverso”, principalmente nas áreas mais pobres, mostrando que a globalização é fragmentação ao expressar os particularismos nacionais, étnicos, religiosos e os excluídos dos processos econômicos denominados globais.

Nessa mesma linha de análise, Ferrara (1996) escreve que

a globalização do mundo é uma contradição: globaliza-se a partir de uma estratégia que emana de um centro de decisão econômico, o que supõe considerar, como consequência, uma periferia a esse centro; logo, não se globaliza o mundo, mas uma parte privilegiada dele; uma articulação renovada da conhecida estrutura centro/periferia que é manifestação lógica do poder. (FERRARA, 1996: 48)

O desenvolvimento tecnológico de um país ordena como procederá a ocupação da área urbana e sua função na relação internacional. Os países dotados de tecnologia são colocados como centros mundiais, daí o termo países centrais, enquanto que os países com baixo desenvolvimento tecnológico estão na periferia da relação econômica internacional.

Globalização e urbanização: novas formas de dominação

A globalização e a urbanização estão, hoje, associadas a um mundo moderno de conforto e informação. O mundo como um só sistema, através da troca de mercadorias, tecnologia, cultura e mesmo pessoas, tornando possível a idéia de seres cosmopolitas e bem informados. Porém, a realidade que esses processos trazem é bastante diferente do que é divulgado.

Às vezes temos dificuldade de entender quais os reais interesses por trás da concretização de um mundo cada vez mais globalizado e urbanizado. Estamos em um mundo extremamente capitalista, onde o objetivo maior é o lucro e o poder. Assim, a qualquer custo, nações, empresas e pessoas buscam consegui-los.

Para se ter idéia da amplitude desse desejo, ou melhor dessa obsessão, basta lembrarmos de fatos recentes como a invasão do Iraque pelos Estados Unidos, os inúmeros casos de desvio de dinheiro, aqui no Brasil, a destruição da natureza com fins econômicos, entre vários fatos que conhecemos. Felizmente, essa obsessão capitalista não é estendida a todos, o que nos faz ter esperança por um mundo mais “civilizado” e menos capitalista.

Os países centrais utilizam-se da globalização para aumentar sua área de influência, tornando maior e mais submisso aos seus interesses um ilimitado mercado consumidor. Os interesses de hoje, na globalização, não são muito diferentes daqueles ocorridos nos séculos XV e XVI, onde o objetivo era conquistar novas terras e explorá-las como colônias. No sistema atual, a essência é a mesma. Temos hoje, de maneira disfarçada, uma relação de colônias (representados pelos países periféricos) e metrópoles (países centrais). Portanto, a globalização é um mecanismo de dominação, pois nem todos têm condições de tirar proveito dessa (des)integração global e local.

A causa dessa (des)integração e subordinação mundial é, indiscutivelmente, fruto dos avanços tecnológicos que na maioria das vezes encaramos como evolução. Porém, se fôssemos pensar dentro do contexto capitalista, perceberemos que toda essa modernização tem outros interesses.

Essa hipótese pode ser exemplificada com o aparelho televisor. Costuma-se dizer que a televisão é uma opção de lazer para as pessoas, principalmente as mais carentes. Mas sua função não é só entretenimento, uma vez que é um meio utilizado para divulgar e vender produtos, cujo marketing conduz a um consumismo exacerbado de determinado produto. Além disso, a identidade cultural de muitos é substituída por uma cultura momentânea do modismo televisivo. E para finalizar, esse processo é extremamente necessário ter capital e grande parte das pessoas do planeta não tem dinheiro nem para se alimentar quanto mais para comprar um televisor. A internet e o telefone são outros dos vários exemplos de que a modernização é um luxo que leva a cultura de vários povos para o lixo e atende aos interesses das classes dominantes.

Quanto ao interesse estimulador de todo o processo de evolução tecnológica e de (des)integração espacial, Santos (2002) o enxerga como instrumento de dominação pois,

(...) assim se instalam, ao mesmo tempo, não só as condições do maior lucro possível para os mais fortes, mas também, as condições para maior alienação possível para todos. Através do espaço a

mundialização, em sua forma perversa, empobrece e aleija. (SANTOS, 2002: 18)

O atual modelo de globalização tem que ser reavaliado, pois é responsável por uma série de problemas, como denuncia Benko (1996)

O processo de mundialização, desordenado, acelerado e mal regulado, aumenta os riscos de exclusão social em todos os países. Eficácia econômica e justiça social deverão ser repensadas. Seria preciso debruçar sobre as interações entre lógica econômica e instituições políticas tanto a nível local como global. (BENKO, 1996: 70)

Santos (2000) também discute a necessidade de se pensar em uma outra globalização, sustentada em princípios da solidariedade, em prol da redução da pobreza e das desigualdades sociais.

No caso da urbanização, a situação é a mesma. As idéias e informações que são veiculadas para o cidadão comum, não deixam evidente a real causa desse processo. Temos a impressão, que a industrialização e o desenvolvimento urbano são os fatores responsáveis pela migração cada vez maior da população do campo para as cidades. O que não é verdade, conforme citado por Castells (1983: 85) “A fuga para a cidade é, em geral, considerada muito mais como o resultado de um *push* rural do que de um *pull* urbano quer dizer, muito mais como uma decomposição da sociedade rural do que como expressão do dinamismo da sociedade urbana.”

Nos países periféricos, a modernização da agricultura marginaliza a população rural nas cidades, transformando a pobreza rural em miséria urbana e assim desencadeando uma série de problemas socioambientais nas cidades, como a marginalização, favelização, aumento da violência urbana, degradação do meio ambiente urbano, entre outros.

Além do interesse capitalista no campo de tornar a estrutura de produção mais lucrativa ao substituir o homem pela máquina, há um certo ganho para a elite urbana, pois, à medida que a cidade absorve uma massa desqualificada e bastante influenciável, os políticos têm como manipular essas pessoas, para se manterem no poder, além de estarem livres de pressão e assim poderem facilmente atender aos interesses da classe detentora do capital, agravando, ainda mais, a desigualdade entre pobres e ricos.

Na ideologia marxista, exposta no livro *O Capital*, pode-se encontrar outras explicações para o interesse da burguesia na urbanização. Segundo Marx, no capitalismo a indústria segue um ciclo de altos e baixos, chamado de *ciclo industrial ou ciclo econômico*, aparecendo assim um excedente de mão-de-obra na fase de crise, o famoso

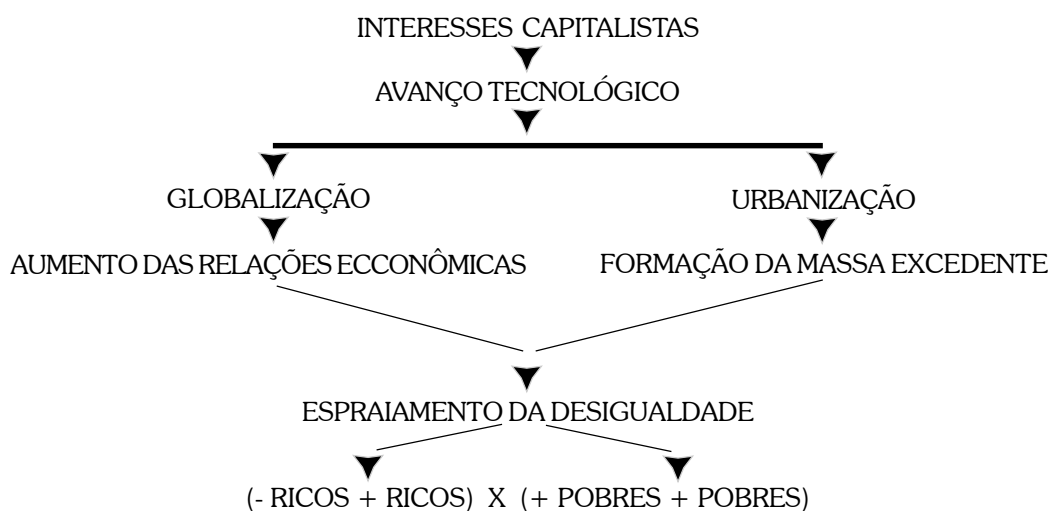
exército industrial de reserva. Com o exército industrial de reserva os industriais teriam como produzir mais e com uma mercadoria de menor custo.

Dentro da realidade atual, de altos índices de desemprego, a migração de um grande contingente populacional para as cidades, provocaria o surgimento de um enorme exército de reserva que, por conseguinte, geraria uma queda no preço da força de trabalho, pois de acordo com a lei de mercado, quanto maior a oferta e menor a procura, menor será o preço. Avançando nessa idéia, a riqueza dos industriais aumentaria através da *mais valia*, como escreve Karl Marx, ou seja, o trabalhador produz mais do que recebe, sendo esse valor criado pelo trabalho do operário depois de cobrir o valor de sua força de trabalho (*mais valia*) passada aos industriais. Para exemplificar essa idéia,

Assim como um boi produz mais do que consome, e enriquece o seu dono, a classe trabalhadora produz mais valia do que consome e enriquece os proprietários dos meios de produção. Deste modo, *os trabalhadores são os bois do sistema capitalista*: consomem apenas uma parte do que produzem, a parte necessária para que continuem vivos e trabalhando; a outra parte, a *mais valia*, é apropriada pela burguesia, *que vive às custas da classe trabalhadora*. (SCHAWARTZ apud CATANI: 38)

Já em 1894, no livro supra-citado, Karl Marx alertava para as tendências do capitalismo que entraria em uma fase crítica, após alcançar certa maturidade. Nessa fase, o capital tende a se concentrar nas mãos de poucos aumentando cada vez mais a diferença entre ricos e pobres. Portanto, tendo por base a idéia de Marx, poderíamos dizer que a globalização e a urbanização têm como real objetivo aumentar o lucro e gerar sua concentração nas mãos da minoria.

ESQUEMA DAS NOVAS FORMAS DE FRAGMENTAÇÃO DO ESPAÇO



Globalização e a Desigualdade internacional

A quantidade de riquezas gerada em cada um dos quase 200 Estados existente, hoje, no mundo apresenta grandes disparidades. Nunca como na atualidade, o fosso que separa países ricos dos países pobres quanto à geração de riquezas foi tão grande e, é quase um consenso, dizer que os processos de globalização e urbanização, especialmente ao longo da última década, em muito contribuíram para essa situação.

Entre os indicadores mais comumente utilizados para medir a geração de riquezas de um país está o PIB (Produto Interno Bruto). O PIB mede o conjunto de bens e serviços produzidos por um país ao longo de um ano. Apesar de ser um indicador de caráter econômico, diferentemente do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) que mede especialmente as condições sociais, o PIB permite algumas comparações no que se refere ao potencial econômico de cada país.

Assim, os EUA, com um PIB de cerca de US\$ 10 trilhões produzem sozinhos algo em torno de 30% das riquezas do mundo. Se somarmos o PIB norte-americano aos do Japão e da Alemanha, teremos metade do PIB mundial. Os 25 países com maior PIB do mundo produzem cerca de 90% de toda a riqueza do planeta. Por analogia, mais de 170 países contribuem com apenas 10% do PIB mundial (World Bank, 2003).

Na última década, a posição do Brasil em termos de volume do PIB, tem oscilado entre o décimo primeiro e o décimo quinto lugar no ranking mundial da geração de riquezas. Durante muitos anos nosso país, ostentou o título de maior PIB da América Latina, condição perdida recentemente para o México. Todavia, se compararmos o PIB brasileiro ao norte-americano constataremos que o nosso é cerca de 18 vezes menor. O PIB da hiperpotência corresponde a mais ou menos 80% do total de riquezas geradas em todo o continente americano. Isso já dá uma idéia da assimetria das relações econômicas que terão lugar caso a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) seja realmente implementada.

Uma breve discussão sobre a nova configuração econômico-espacial do planeta não poderia faltar em uma análise sobre os interesses dos países ricos no mundo periférico. À regionalização do mundo que assistimos, hoje, é fruto da globalização que é consequência dos interesses capitalistas, na verdade, a formação de blocos econômicos é uma maneira de determinados países ricos monopolizar e proteger seus mercados periféricos, aumentando assim, o superávit da sua balança comercial, haja vista que exportam produtos de alto valor e importam matéria-prima e produtos manufaturados dos países periféricos. Portanto, essa regionalização é mais uma ferramenta de dominação dos países centrais sendo um agravante da desigualdade.

Se há enormes disparidades entre nações ricas e pobres, elas são também muito significativas no interior do próprio mundo periférico. Só para se ter uma idéia dessa situação, o PIB brasileiro é cerca de 30% maior que a soma dos PIBs de todos os 53 países que fazem parte do continente africano (World Bank, 2003).

Diante do exposto, podemos inferir que apesar da vinculação ideológica de que o mundo urbano e globalizado representa o ideal de desenvolvimento humano, de modernização, a realidade nos tem mostrado que o mundo também se apresenta fragmentado, marcado pela desigualdade.

Considerações finais

Nas últimas décadas, o mundo tem passado por um rápido processo de integração econômico-cultural, fazendo com que o termo globalização fosse utilizado de forma indiscriminada, como se fosse a explicação para tudo que vem ocorrendo. Mas o termo, por si só, não expressa a realidade sobre a complexidade do processo.

No mesmo momento em que se assiste a uma verdadeira mundialização das relações internacionais, o espaço intranacional acompanha um rápido e intenso processo de urbanização. Seguindo a mesma moda do termo globalização, a urbanização tem sentido amplo e uma análise complexa.

Esses dois processos têm em comum o fato de possuírem causas e conseqüências ligadas a interesses econômicos dos grupos dominantes, tanto em termo de países quanto de pessoas.

O capitalismo emprega uma política extremista pelo aumento da riqueza que normalmente é absorvida pelos que já são detentores de capital, ou seja, o capital gera capital. Sendo assim, a população desprovida de capital fica excluída da geração de riqueza, aumentando a situação de miséria e, conseqüentemente, agravando a desigualdade socioeconômica, tanto nacionalmente como internacionalmente.

Diante do exposto, pode-se perceber que o aumento da relação comercial e cultural entre os países do globo, verificada desde o final do último século, e o simultâneo processo de concentração de pessoas nas cidades são processos que causam fragmentação do espaço interno e externo, através do aumento das desigualdades. Ao mesmo tempo em que ocorre uma maior integração entre os países e há uma concentração maior de pessoas em um determinado espaço (urbano), surge também a marginalização de alguns países e mesmo uma fragmentação do espaço intranacional. A conseqüência desses processos é um aumento considerável no número de pobres que estão cada vez mais pobres chegando até a situação de miserável, ou seja, não

conseguem satisfazer nem mesmo as suas necessidades básicas, como por exemplo, a alimentação.

Concomitante, a esse espraiamento da pobreza e sua transformação em miséria, ocorre uma redução no número de ricos que tendem a concentrar o capital. Assim, numa linguagem bastante popular podemos dizer que os ricos estão cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais miseráveis.

Abstract: In this work, it intends the capitalist interests that are behind the globalization to discuss and of the urbanization. Making an analysis systematic of the two processes, establishing some reasons for the which the rich ones (countries and people), in a certain way, they motivate a global economical integration and a larger concentration of people in the cities.

Keys-word: Capitalism; globalization; urbanization; fragmentation.

Referências

BENKO, G. organização econômica do território: algumas reflexões sobre a evolução no século XX. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (Org.). *Território, globalização e fragmentação*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

CASTELLS, Manuel. *A Questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CATANI, Afrânio M. *O que é capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

FERRARA, L. D. Do mundo como imagem à imagem do mundo. In: SANTOS, M. SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (Org.). *Território, globalização e fragmentação*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

HAESBAERT, Rogério. Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo. In: _____ (Org.). *Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo*. Niterói: Ed. Universidade Federal Fluminense, 1998.

IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

MARX, Karl. *El capital*. 2. ed. v. 1. México, fondo de cultura econômica. [s.l.: s.n.] 1975.

SANTOS, Milton. *et al. O novo mapa do mundo: fim de século e globalização*. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 2002.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2000.

WORLD BANK – Disponível em: <www.worldbank.org>. Acesso em: 3 nov. 2004.

